

## THEMÔNIAS – O AFETO COMO TRANSGRESSÃO BIOPOLÍTICA

Juliano Bentes Nascimento  
*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do  
Pará - UFPa. Bolsista CAPES/FAPESPA.  
julianobentes92@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 08 – COMBINARAM DE NOS MATAR, MAS NÓS  
COMBINAMOS DE NÃO MORRER: TROCAS DE SABERES RESISTENTES.*

### RESUMO

O autodenominado movimento das Themônias movimenta a cena cultural da cidade de Belém desde meados de 2014 e com o passar dos anos se tornou, para muito além de artistas que se reúnem pelas ruas, um alicerce afetivo entre mais de trezentos artistas, sendo hoje parte do arcabouço conceitual da Themônia o contato e a troca afetiva. Atravessando o afeto de Spinoza, a cartografia sentimental de Suely Rolnik, a construção do presente de Tânia Mara Galli Fonseca, entre tantos outros, analisam-se as formas que esse afeto altera as bases estruturais biopolíticas pré-estabelecidas às relações humanas, um processo de cura coletiva, uma estratégia de guerra transgressora e que ao longo dos últimos anos tem alterado e afetado todos os lugares que alcança.

**Palavras-chave:** Themônia, Afeto, Biopolítica.

### ABSTRAT

The self-styled Themônias movement has moved the cultural scene in the city of Belém since mid-2014 and over the years has become, far beyond artists who gather in the streets, an emotional foundation among more than three hundred artists, and today it is part of Themônia's conceptual framework: contact and affective exchange. Traversing Spinoza's affection, Suely Rolnik's sentimental cartography, Tânia Mara Galli Fonseca's construction of the present, among many others, we analyze the ways that this affection alters the pre-established biopolitical structural bases for human relations, a process of collective healing, a transgressive war strategy that over the past few years has altered and affected every place it reaches.

**Keywords:** Themônia, Affection, Biopolitics.

## INTRODUÇÃO

A arte drag enquanto especificidade toma corpo no período Elisabetano com a necessidade de personagens femininos no teatro, sendo homens responsáveis por esses papéis. Ao longo dos anos o fazer drag se expandiu de muitas formas em conceito, hoje sendo uma arte de caráter libertário das amarras de gênero, e se alastrando por diversas categorias, queens, kings, queers, ecodrags, tranimals e as themônias.

Até meados dos anos 2000, a cena artística drag da cidade de Belém consistia na produção de concursos de beleza, tendo concursos de toda forma, para todos os tipos de competidoras, Top Blond, Beleza Negra, Fat Fashion, etc. Geralmente era focada para o universo de drags de variação queen. Outra produção frequente eram os shows nas grandes casas: Go Fish, Lux, Malícia, Stand-by, Camaleão, Boca Xica, entre tantas outras. Em 2012, Rodrigues et al em sua análise sobre a sociabilidade LGBT em Belém fala um pouco sobre esses os espaços e os concursos.

A presença ou não de show, geralmente de drag queens, algumas vezes de gogo boys e pouquíssimas vezes de go go girls, define a lotação da casa. Por exemplo, em dia de finais de concursos, no estilo concurso de miss ou de beleza, boates como a Lux, Rainbow, R4 Point e Vênus costumam cobrar mais caro e a lotação chega à beira do insuportável, tamanha a quantidade de pessoas que vão torcer para @s candidat@s. A boate Lux é a referência na prática desses concursos (herdeira da antiga Go!), mantendo no seu calendário anual alguns bastantes disputados, como: o Beleza Negra, o Top Blond, o Miss Pará Gay. (RODRIGUES et al., 2012)

Porém, há se de frisar que a pesquisa foi realizada entre os anos de 2007 a 2010 e que já na sua publicação, em 2012, quase todos os espaços pesquisados já haviam fechado. Com exceção da Vênus e do Bar da Ângela (Refúgio dos Anjos). Belém enfrentou uma carência de espaços de sociabilidade LGBTI+, especialmente no centro da cidade.

Em 2014, no espaço Casarão Music (posteriormente Baron Club), teve início uma festa despreziosa com o objetivo de livre-montação<sup>1</sup>, essa festa se chamava Noite Suja

---

<sup>1</sup> Onde o ato de se montar é livre, podendo exercer quaisquer funções e experimentar entre estéticas.

sendo apenas o pontapé inicial para um movimento que tem tomado cada vez mais forças na cidade, o autodenominado Movimento Cultural das Themônias. Mas afinal, o que são themônias? São artistas LGBTI+ da cidade de Belém que circulam pela cena alternativa levantando questões políticas e ocupando espaços urbanos. Devido à carência de espaços específicos para sociabilidade LGBTI+, a ocupação urbana se tornou um dos pontos-chaves para esse movimento, que assim também se constrói enquanto atividade política, existir. Inicialmente se tratava de um coletivo de drags – queens, kings e queers – que aos poucos foi-se percebendo com uma abrangência maior em relação às suas potências. Hoje conta com mais de 300 artistas entre drags, pintores, fotógrafos, maquiadores, estilistas, atores, dançarinos, muitas vezes interconectando várias dessas especificidades e trabalhando essencialmente com o conceito do corpo dissidente e suas variações, e se identificando através do termo Themônias.



Figura 01: Themônias  
Fonte: Reprodução/Instagram (@panthemonias)

Embora cada vez mais abrangente e constantemente em ressignificação, ao se aproximar do grupo em questão, não precisa chegar muito perto para perceber a importância das relações de afeto entre os indivíduos, ou seja, a forma como eles se permitem afetar uns pelos outros; relações estas cunhadas muitas vezes entre relações amorosas, amigáveis e até mesmo familiares. As Themônias se tratam entre si como uma família, e assim a tornam de fato. Reagindo em bando e dando forças umas às outras. Para além disso, o que se percebe é que esses afetos, dentro do movimento, seriam um método de transgressão e construiriam tanto uma identidade para o movimento quanto para cada um dos integrantes e para a sociedade ao redor.

De forma geral, o artigo em questão busca analisar os afetos dentro do Movimento Cultural das Themônias partindo da hipótese que esse afeto funciona como uma arma política e que as relações entre os indivíduos moldam o movimento como um todo e o identificam como tal, além de ter uma importância primordial para a construção dessas identidades e da sociedade em que estão inseridas.

## **DESENVOLVIMENTO**

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer o espaço de luta política desse grupo cultural; conforme dito anteriormente, trata-se de um grupo de pessoas LGBTI+ e das ações e reações artísticas desses corpos, e quando se fala em corpos aqui, procura-se deixar claro que não se tratam de corpos padrões.

Fugindo da heteronormatividade compulsória (LOURO, 2000) que afirma um padrão de como ser, agir e se expressar em sociedade; esses corpos assumem seus papéis políticos a partir do momento que se recusam a manter-se trancafiados em suas casas e decidem existir, se tornam seres sociais, bichas, sapatões, travestis, transmasculines, transfeminines, não-binários. Trabalha-se a variação de sexualidade e gênero inerente a cada um, trabalham-se as certezas. A partir do momento que um corpo em fuga de padrões existe, ele coloca em cheque todas as certezas ao redor. Você é homem até que ponto? Você é mulher até que ponto? Até onde você permitiu que lhe dissessem o que você é e o que você deseja? Corpos em fuga quebram tudo que já existe e bagunçam o padrão.

Quando a simples existência desses corpos se torna um ato político de resistência, viver não é das tarefas mais fáceis e as relações que mantêm esses corpos vivos e ativos, com certeza, é de suma importância.

Mas acho que pra todas que fazem parte ali têm essa percepção, essa consideração familiar, sabe? Tipo, onde todas se ajudam, todas aconselham, todas brigam, reclamam, militam, corrigem quando tem que ser corrigidas. Acho que esse é o papel de um grupo, no qual a grande maioria se consideram amigos e família. (BUNNY, 2018)

Como afirma Bunny, uma das artistas do movimento, o grupo possui uma relação familiar muito mútua entre si, relação esta que por vezes substitui relações de uma família

biológica ausente ou mesmo que se afasta de forma proposital, seja por conta de transgressões de sexualidade ou de gênero.

Devido a rejeição e discriminação no contexto social dessa população, acaba sendo muito difícil para o jovem LGBT se assumir como não-heterossexual, quando se faz perante a família, quase nunca encontram apoio e respeito. (PERUCCHI, BRANDÃO E VIEIRA, 2014, p.70).

O afeto primário, que deveria ser o amor familiar, muitas vezes nos é negado, levando à uma reconstrução alternativa dessa forma de afeto familiar. A família passa a existir onde se escolhe, onde se cabe e onde se é aceito. As Themônias, em grande parte, se consideram família e se sustentam psicologicamente umas nas outras para continuarem existindo.

Este afeto compartilhado, por sua vez, hipoteticamente molda as identidades desses corpos e as formas como se expressam socialmente, construindo, não só o movimento cultural em questão, mas toda a sociedade que o cerca e todas as pessoas que se permitem afetar por ele.

Talvez precisemos partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. (...). Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. (SAFATLE, 2016, p. 17)

Spinoza (2007) explica que o ser humano é mais forte junto que separado, sendo uma das virtudes do homem livre justamente viver em sociedade. Porém, a forma como o afeto circula em nossa sociedade é problemática, falando em afeto-amor que se percebe corrompido em sua raiz por máximas como a da família que é preciso ser amada a qualquer custo, o amor ao próximo, o amor ao trabalho, à nação. É vendido um afeto pré-moldado que está longe de representar a realidade das relações. A construção desse afeto quando vista como arma de deslocamento se torna uma potência política e uma transgressão social diante dessas amarras pré-estabelecidas de afeto.

Especialmente dentro de uma comunidade que carrega uma cultura de competitividade desde os concursos de beleza, batalhas de dublagem e, atualmente,

alimentada mundialmente por reality shows como RuPaul's Drag Race, Academia de Drags, Glitter, entre tantos outros. Até dentro do Movimento das Themônias, onde algumas vezes são realizadas batalhas de dublagens para a escolha das rainhas; o afeto entre pessoas LGBTI+ é mais político do que parece, é preciso vê-lo como força motriz de um agenciamento rizomático de relações, onde se abrem identidades e novas formas de percepção.

Mas para além do afeto-amor é preciso destrinchar o afeto em suas variações, enxergá-lo como a própria relação de afetação, o que te atravessa e não passa despercebido, te move. Amor, Alegria, Ódio, Raiva, Melancolia, Coragem, Ressentimento, Compaixão, Tristeza, Desamparo, Indignação, Esperança, Medo, o fluxo de afetos que nos atravessa é selecionado socialmente, é controlado: devemos sentir o designado bom, devemos suprimir o designado ruim. A forma que os afetos circulam em sociedade é convencionalizada, dissimulando o equilíbrio do indivíduo. Através desses afetos sociais e, por conseguinte, políticos, algumas coisas podem ser vistas ou não, outras podem ser suprimidas ou não.

Como a decorrência dos indivíduos na vivência política acontece? A política é um espelho dos nossos afetos, das nossas circulações e transmissões, só é possível haver mudança social com a mudança de afetos, com a mudança do que te afeta.

A verdade é que, da sociedade comum dos homens advêm muito mais vantagens do que desvantagens (...) por meio da ajuda mútua, os homens conseguem muito mais facilmente aquilo de que precisam, e que apenas pela união das suas forças podem evitar os perigos que os ameaçam por toda parte (SPINOZA, 2007)

É apenas no encontro com o outro que se criam novas possibilidades, que se constroem ferramentas de mudança social, é preciso transgredir o pré-moldado para a construção e percepção de novos afetos. Há muito a aprender sobre o método de afeto dentro das relações das Themônias. Corpos em fuga de padrões que buscam não reproduzir a competitividade, alimentar o amor e a partilha.

Como afirmou Lilandra Melancia, uma referência em drag há mais de 15 anos na cidade de Belém, em entrevista cedida em 2017:

Gente, nós que somos de fora, a gente não consegue explicar pras outras drags o quanto é legal, o quanto é bom, eu tive a oportunidade de ir numa festa e, caramba, se eu tiver a oportunidade eu vou de novo, como eu falei antes, o meu conceito mudou e eu vou levar isso pra quem eu puder, eu vou explicar, pra quem eu puder eu vou dizer que não é o que a gente tava pensando, não é só putaria, sacanagem, um bando de drag, como numa conversa a gente disse assim “ah, um bando de bicha feia”, mas hoje a gente olha, hoje a gente vê com outros olhos, porque são as bichas feias que tão trazendo um conceito que a gente abandonou, o mesmo conceito que a gente deixou pra trás com outra visão política, sabe? Era isso que a gente devia ter feito antes e nós não conseguimos fazer. E porque elas são mais unidas? Porque elas são mais humildes, porque elas são mais simples, simples no sentido de pessoa, elas são mais humanas e foi isso que nós, drags mais antigas, não conseguimos, ter essa humanidade, essa humildade, esse momento de chegar perto de uma outra drag e dizer “você tá linda”, você pode estar feia como estiver, mas você tá linda, pra levantar a autoestima da pessoa, e é isso que vocês conseguem fazer. (LILANDRA MELANCIA, 2017)

O afeto como arma chega de forma intensa para as outras comunidades artísticas da cidade de Belém, a importância de se apoiar psicologicamente, de reforçar nosso corpo político, de existir e viabilizar a existência de quem está ao redor. O afeto como método transgressor em ação.

Além de se fazer cada vez mais necessária uma conversa com a academia tradicional, seguindo o *modus operandi* desses corpos, invadindo e quebrando de dentro para fora, bagunçando a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso afirmar a não pré-existência de sujeitos e objetos específicos para a estrutura da pesquisa, que estes se formem conforme os efeitos de prática da própria. Para romper essa dicotomia é necessário que se projete existência justamente na relação sujeito/objeto (BARROS e PASSOS, 2000, p. 74)

Será preciso deixar-se afetar pelo grupo para uma real percepção de sua potência, adentrar e se banhar dos seus termos, traquejos, jeitos, reações, o afeto aqui se torna muito além do possível objeto, mas o método de ação. Para essa base de estudos do afeto foi

estudado o filósofo Baruch Spinoza, sendo balizado por Marilena Chauí, Gilles Deleuze, Friedrich Nietzsche e Vladimir Safatle.

Os afetos expressam as potências em geral, e é nas obras de arte (...) que atuam na produção social e ganham poderes fisiológicos ontológicos e éticos. (SCHØLLHAMMER, 2012, p.12)

O afeto aqui, além do método, é a chave, a estratégia e a arma biopolítica que tanto buscamos em atravessamentos alheios e sempre esteve aqui do nosso lado, tomando uma catuaba quente em alguma vala pela rua.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, R. B.; PASSOS, E. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. Revista Teoria e Pesquisa – UNB, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, abr. 2000.
- BUNNY. Entrevista concedida a Juliana Bentes em 21/11/2018.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa. Editora Companhia das Letras, 2011.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016.
- LILANDRA MELANCIA. Entrevista concedida a Juliana Bentes em 14/11/2017.
- LOPES, José Sérgio Leite. A Nova Cartografia e os movimentos sociais. In: Povos e comunidades tradicionais – Nova Cartografia Social. Manaus: PNCSA-UFAM, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- PERUCCHI, Juliana; COELHO BRANDÃO, Brune; DOS SANTOS VIEIRA, Hortênsia Isabela. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. Estudos de Psicologia, v. 19, n. 1, 2014.
- PRECIADO, Beatriz. Transfeminismo y micropolíticas del género en la era farmacopornográfica. artecontexto, v. 21, p. 24-26, 2009.

RODRIGUES, Carmem Izabel et al. Na rua, na praça, na boate. Uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 11, 2012.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Autêntica, 2016.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Realismo afetivo: evocar realismo além da representação. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 39, p. 129-148, 2012.

SPINOZA B. Ética/Spinoza Trad. e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autentica Editora; 2007.